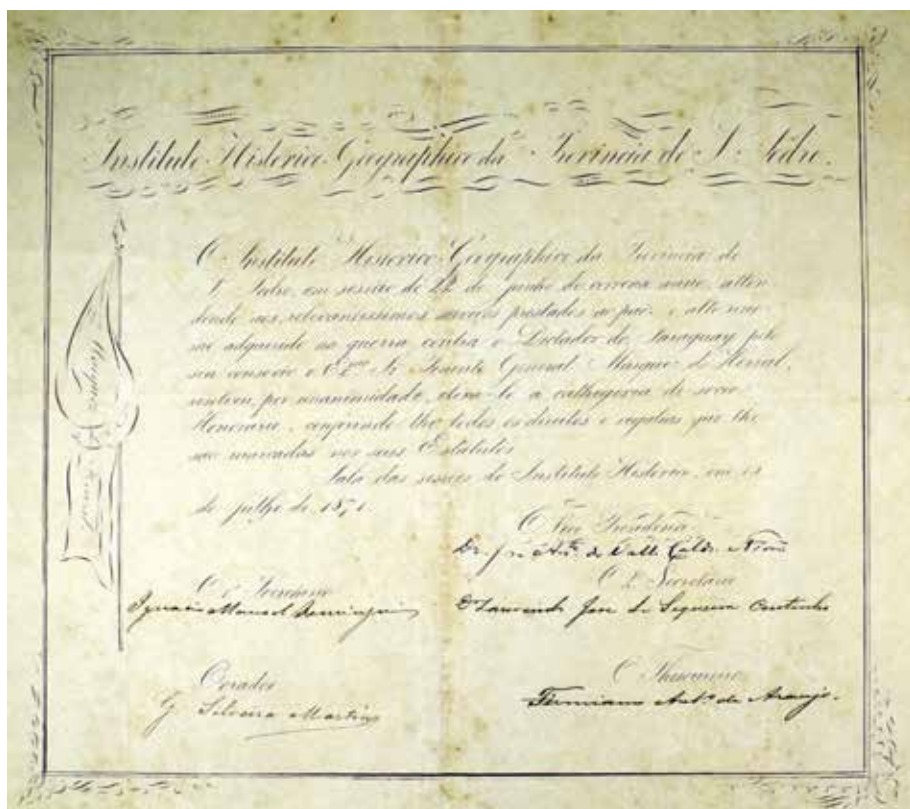


COMENTÁRIO SOBRE O DIPLOMA DE SÓCIO HONORÁRIO CONFERIDO AO MARQUÊS DO HERVAL, PELO INSTITUTO HISTÓRICO PROVINCIAL

Luciana Fernandes Boeira¹



O documento que ora se apresenta é um diploma de sócio honorário, datado de 15 de julho de 1871 e conferido pelo antigo Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro (IHGPSP) a um de seus mais ilustres associados, o General Manuel Luís Osório, Marquês do Herval, em sessão ocorrida no dia 22 de junho daquele mesmo ano.

Aparentemente, se poderia crer tratar-se da emissão de um documento usual no cotidiano de uma associação letrada oitocentista. E realmente o seria, não fosse a data excepcional de sua produção: o ano de 1871, período no qual o Instituto Histórico já não se reunia com regularidade e havia muito não publicava sua outrora prestigiada revista trimensal. Ou

¹ Doutora em História

seja, a conferência da honrosa distinção ao General Osório demonstra que havia, por parte dos letrados do Instituto, uma intenção muito maior que aquela de simplesmente homenagear um de seus associados: era essencial ao Instituto marcar sua presença na cena política e social rio-grandense da nascente década de 1870, ligando a agremiação a um nome de peso não somente na província sulina, mas também a alguém que fosse aplaudido e reconhecido no centro do país. Portanto, a aposta do Instituto era alta: laurar um grande homem e, assim, tentar injetar ânimo em seus pares para, quem sabe, dar uma sobrevida à agremiação agonizante.

Poucos meses antes, no dia 16 de fevereiro de 1871, o médico e poeta José Antônio do Valle Caldre e Fião, que respondia como vice-presidente do Instituto, assim desabafava em carta enviada ao amigo e presidente da casa, o Conde de Porto Alegre, Manoel Marques de Souza, sobre o estado em que se encontrava a associação: “O Instituto não tem se reunido, porque diz-me o Dr. Ignácio, o Sr. Andradesinho tem posto suas dificuldades na entrega do Arquivo. Veremos o que se pode fazer” (HAFKMEYER, 1923, p. 280). O poeta estava não somente prestando contas ao velho companheiro, mas também buscava apoio na figura forte e influente do Conde, afinal, a agremiação histórica até aquele momento, estivera entrelaçada ao vulto varonil de Manoel Marques de Souza, que sucessivamente era reeleito para a presidência do Instituto. Para além de reconhecido herói militar, o Conde era, ainda, uma das grandes lideranças políticas da Província, atuando, assim como a maioria dos quadros que compunham o Instituto, no Partido Liberal Progressista.²

A preocupação do poeta Caldre e Fião para com o futuro da instituição histórica era genuína: desde que, na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, se iniciaram as movimentações em torno da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870), as dificuldades para manter o

2 Por volta de 1850, o peso da centralização política era grande no país. Na década seguinte, com o retorno dos liberais ao Parlamento e ao governo, as reivindicações por maior autonomia às províncias e municípios, dentro da defesa de uma ideia de descentralização política, retornariam à pauta. Nessa época, de 1853 até 1862, predominou no país uma política conhecida como Conciliação Partidária, seguida de um período liberal até 1868, quando os conservadores retornaram ao poder (CARVALHO, 2012, p. 103). O Partido Liberal Progressista surgiu em meio às constantes rearticulações partidárias ocorridas no Rio Grande do Sul desse período. Em 1852, criou-se a Liga e, no mesmo ano, surgiu a Contra-Liga, organizada por políticos que não aceitaram a Liga. Enquanto na primeira predominavam conservadores, a Contra-Liga era de maioria liberal. E foi dessa Contra-Liga que nasceu o Partido Liberal Progressista (Piccolo; Vizentini, 1979, 1980, p. 134). A Liga dominou a Assembleia rio-grandense de 1852 a 1855, enquanto os liberais progressistas a controlariam de 1856 até 1865, quando a efervescência política foi interrompida. O Conde (na época, ainda Barão) de Porto Alegre e Caldre e Fião se mantiveram ligados aos progressistas.

Instituto em funcionamento se fizeram presentes. Isso porque muitos dos nomes que compunham seu quadro social estiveram envolvidos, direta ou indiretamente, na contenda armada. O próprio Manoel Marques de Souza, que, como se observou, era a figura central em torno da qual orbitava a associação, partiu cedo para os campos de batalha, ausentando-se por longo período. “A voz do dever chama-me ao campo de honra e eu não tenho tempo de demorar-me aqui (...)” (HAFKMEYER, 1923, p. 278), discursou, antes de partir. No retorno, ao se deparar com um Instituto retraído, percebeu a necessidade de reaquecer as vozes e estimular seus colegas a retomarem os trabalhos há tempos inertes:

O nosso silêncio ante esta importante travessia do tempo tem sido um resfolegar, em que tereis junto muito cabedal para a tradição que vos estava confiada. Reparastes: é mister que vos levanteis e que mostreis à província que sois dignos dela e de memorar muito feito titânico, muitas aspirações, muitas lições proveitosas. Tendes muito a fazer, o concurso de novos homens de letras ser-vos-á preciso; a reorganização de vosso quadro social será obra que vos deva ocupar e que absorverá vossos cuidados. (HAFKMEYER, 1923, p. 279).

Nesse sentido, prestar tributo ao Marquês do Herval casava perfeitamente com o momento de retomada dos trabalhos da casa, pois sua figura representava com precisão o tipo de homem ilustre a quem o IHGPSP desejava se ligar.

Surgido em 1860, o Instituto provincial era a segunda tentativa de criação de uma agremiação histórica, aos moldes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em solo rio-grandense.³ Sua missão sempre foi a de registrar os feitos gloriosos dos heróis e homens ilustres da Província, a fim de contar a história da pequena pátria sob a ótica do rio-grandense.

3 Uma primeira tentativa, malograda, se dera em 1855, também na capital, Porto Alegre, pelas mãos do então Presidente da Província, o Conselheiro do Império João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu, que era associado ao IHGB. Naquela ocasião, Sinimbu se uniu ao mesmo Barão de Porto Alegre para criar aquela que seria a primeira filial local do IHGB, fundado havia 17 anos (em 1838, portanto), na capital do Império do Brasil. Embora não haja maiores informações quanto a essa tentativa de fundação do IHGPSP, se sabe que a instituição chegou a contar com uma pequena diretoria, presidida pelo próprio Sinimbu, pelo Barão, na qualidade de vice-presidente, e de, pelo menos, outros dois membros fundadores, o médico Manoel Pereira da Silva Ubatuba (também sócio do IHGB desde 1846) e Machado Ourique, que cumpriria a função de secretário da agremiação. Segundo Renato Costa (1982, p. 43), o falecimento de Ourique e o afastamento de Sinimbu da Presidência da Província, em junho de 1855, teriam sido os dois principais fatores que marcaram o prematuro desaparecimento da instituição recém-fundada.

se e, assim, marcar presença na cena da história nacional que se construía no Brasil do Oitocentos.

Nessa perspectiva, nada mais justo que conferir “todos os direitos e regalias” ao Marquês do Herval ao elevá-lo à categoria de honorário, como diz o diploma, pois era estratégico atrair a atenção da sociedade rio-grandense à retomada dos trabalhos da agremiação.

Assim como o Conde, o Marquês do Herval lutara e se destacara com louvor nos campos de batalha do Paraguai. A luta armada, apesar de ter provocado sérios prejuízos econômicos e políticos ao Império de D. Pedro II, trouxe inequívocos benefícios aos rio-grandenses. Era sabido na Corte que a vitória brasileira na campanha militar não teria sido possível sem homens do porte do General Osório e ele se tornou o militar mais respeitado do pós-guerra, superando, inclusive, o Duque de Caxias:

Politicamente, Osório tornou-se ministro de Estado e senador, ou seja, ocupou o topo da elite política nacional. O Osório militar se utilizava de suas amplas redes sociais com seus camaradas do Exército para obter ganhos eleitorais na política e ampliar o poder do Partido Liberal. (...) E o Osório nobilitado pela Coroa reforçava os ganhos obtidos em ambas as esferas, pois, agindo não somente como general, mas também como marquês, ele conquistava o respeito e admiração de todas as famílias ricas e nobres do Império, pois aos olhos de muitos os seus atos eram reconhecidos pelo Rei. (VARGAS, 2010, p. 246).

Embora, em um passado recente, a cisão do Partido Liberal na Província de São Pedro tenha colocado, de um lado, Caldre e Fião e o Barão junto aos Progressistas e, de outra parte, Osório tenha permanecido unido aos Liberais Históricos, o novo momento político trazido com a década de 1870 novamente aproximava as facções liberais. A partir de 1868, Osório se tornou, incontestavelmente, o chefe dos liberais no Rio Grande do Sul. Em 1869, antes mesmo de a guerra chegar ao fim, seu prestígio lhe possibilitou obter o título de Marquês do Herval. Em 1871, antes de ganhar a homenagem do IHGPSP, uma pomposa solenidade militar, em Porto Alegre, fez Deodoro da Fonseca entregar uma espada de honra ao General Osório. Aos 63 anos, coberto de pompa e já ostentando o título de sócio honorário do IHGPSP, a sólida e célebre figura de Osório servia como pilar para a hegemonia dos liberais na Província: superadas as rusgas políticas que um dia os afastaram, era momento de reconhecer a importância política do Marquês do Herval:

Em dezembro de 1871, o Conde de Porto Alegre manifestou-se afirmando que Osório, depois do Imperador, era “o cidadão mais prestigioso do Brasil” e escreveu-lhe perguntando se os liberais deveriam participar das eleições. (VARGAS, 2010, p. 256).

Os resultados da reaproximação logo vieram: sob a proteção do Marquês, em 1872, no auge de seus 68 anos, o Conde se elegeu deputado pelos Liberais. O mesmo aconteceu com o jovem Gaspar Silveira Martins, orador do IHGPSP na ocasião da diplomação de Osório na casa. Silveira Martins também assina o documento aqui analisado. Anos mais tarde, inclusive, mas antes da conhecida briga política que os separou, Silveira Martins e Osório compuseram o mesmo governo, sendo, respectivamente, Ministros da Fazenda e da Guerra no Gabinete Sinimbu (1878-1880), o mesmo político que fundou, aliás, o primeiro Instituto Histórico na Província sulina, em 1855.

Uma pena, porém, que o prestígio político de Osório não tenha auxiliado a reerguer o letárgico Instituto Histórico. A 07 de maio de 1872, Caldre e Fião novamente escrevia ao amigo Manoel Marques de Souza: “O Instituto vegeta, enquanto V. E. aqui não chega. Os sócios tudo esperam de V. E.” (HAFKMEYER, 1923, p. 281).

Não havia mais espaço de ação para a antiga agremiação histórica em meio às diversas sociedades letradas que se formavam na Província naquelas décadas finais do século XIX: a renovação e os novos ares trazidos com a juventude ligada ao Partenon Literário ditariam os caminhos da escrita da história e da literatura no Rio Grande do Sul oitocentista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, José Murilo de. *A construção nacional: 1830-1889* - vol. 2. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- COSTA, Renato. “Os três Institutos Históricos do Rio Grande do Sul”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: IHGRS, n. 123, 1982, pp. 43-51.
- HAFKEMEYER, J.B. “Manoel Marques de Souza”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. III e IV Trimestre, Anno III. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1923, pp. 276-284.
- PICOLLO, Helga; VIZENTINI, Paulo. “Contribuição para a interpretação do processo político-partidário sul-rio-grandense no Império”. In: *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS*. Porto Alegre:

UFRGS, 1979 e 1980, Anos VII e VIII, pp. 119-139.

PORTO ALEGRE, Aquiles. *Homens Ilustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Erus, 1980.

SPALDING, Walter. *Construtores do Rio Grande*. Porto Alegre: Sulina, 1969-1973. 3 volumes.

VARGAS, Jonas. “Marechal, marques e senador. Política, nobreza e guerra no Segundo Reinado a partir da trajetória do General Osório (1808-1879)”. In: *História: Debates e Tendências* – vol. 10, n. 2, jul./dez. 2010, p. 244-263.